

DE

defesa de ESPINHO



DIRECTOR INT.: F. AZEVEDO BRANDÃO - 27-10-78 - SEMANÁRIO - ANO 47-N.º 2429 - PREÇO 6800

A ignorância e a incompetência de mãos dadas

O tempo voa e quando tomamos consciência das coisas muito admirados ficamos com a realidade existente sem que se vislumbre razões válidas que justifiquem os factos e, por exclusão de partes, admitindo a existência de sobrenaturais conluios maquiavélicos reunidos para fazer abortar os projectos em curso usando fórmulas tenebrosas. Instituiu-se a nível de responsabilidade governamental a cómoda máxima de «quem vier atrás que feche a porta» e assim, tralitando ou assobiando uma modinha a ocupação de lugares de decisão desde que seja notada o menos possível na penumbra da comédia em cena, mais convém.

Nos corredores e escadarias de acesso ao palco bebe-se a cuca ou o café, desnuda-se a reputação ou a integridade de colegas ou vizinhos, cumprem-se muito mal os horários justificativos dos fins de mês ou esfaqueia-se a carteira ao cliente mais distraído. Como toda a introdução tem um fim, e porque parecer uma charada este arrazoado, vamos explicar-nos: Há cerca de três anos foi aprovado um projecto para a quase centenária desejada ligação rodoviária de Espinho à Granja. Desde antes do ano de 1900 para cá existiram várias tentativas de concretizar a necessidade, com projecto e tudo, mas, segundo consta, a fina flor

dos «quero, posso e mando» proprietária dos palacetes e lupanares da Granja, zelosos de isolamento do seu feudo de veraneio e receosos de que um acesso mais curto e rápido possibilitasse a infestação das áreas feudais pelos vareiros espinhenses, teve artes e manhas para impedirem a obra. Os tempos foram evoluindo e, o marquesame e a casta influente nos ministérios foram deixando apodrecer os palacetes e começaram a virar-se para o novo reino dos Algarves onde ergueram novos lupanares e vivendas, continuando assim a aparelhar com outras finesses da estranja... Por outro lado a situação impossível que a estrada mediaval que a 109 lembra não consegue dar racional e económico escoamento de tráfego levou a que um novo projecto fosse aprovado, isto em 6 de Abril de 1976. Mas já o ante-projecto tinha por sua vez a aprovação em 13 de Janeiro do mesmo ano. A obra foi dotada com uns milhares de contos e, em Agosto de 1977, o presidente da Câmara de

HOJE PODE LER

- ★ O CASO DA CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS (pág. 3)
- ★ GUETIM (pág. 6)
- ★ ENCONTRO (pág. 8)

Gaia afirmava-nos em entrevista, que a obra ia começar antes do fim do ano! Acontece que decorridos todos estes meses ainda falta o despacho ministerial que declare de utilidade pública e consequente posse administrativa dos terrenos, necessários para a implantação da Avenida. Pese embora o Art.º 10 do Dec-Lei

que transcrevemos! Que implícita esse despacho logo que o ante projecto esteja aprovado. Esta inqualificável atitude das esferas responsáveis, a que não é alheia a Câmara de Gaia que parece querer continuar a mentecapta atitude das Câmaras que a precederam no respeitante a este assunto, provoca prejuízos potenciais enormes. Para além do resultado da execução do projecto e da vertiginosa subida de custos de mão de obra e materiais, a construção do pontão sobre a via férrea, obra de dezenas de milhares de contos, fica parcialmente rendível por falta do seguimento para a Granja. Em contacto com a Câmara, que tem envidado todos os esforços para a construção da obra fomos informados que, telefonicamente, e segunda feira passada, deram conta do Ministério que o processo tinha desaparecido de lá? Quem esclarece mais esta farsa secular? J. J.

DIA DE FINADOS Entrevistando

Por J. TATO

Os mortos estiveram na saudade e no pensamento dos vivos. Mas a celebração do dia dos «Fleis» à face da igreja, é sem dúvida um e sempre lembrado preceito da liturgia cristã, que o mundo dos crentes das várias religiões, também se debruça, cada um a seu modo, e conforme os rituais, sobre as campas em orações de profunda saudade. É inegavelmente neste dia que se sentem a lembrança do imutável destino da morte! Não é por certo, e somente, a crença religiosa o imperativo que faz ajoelhar as almas em orações, porque existe uma paridade, sob o signo de pungentes recordações, pelos entes que partiram para o além, mas a pairar sobretudo com o pensamento em Deus! Há muito quem vá encher os vasos de flores viçosas pousados na terra singela ou sobre os mármoreos vistosos, um tanto profanos, senão ostensivos, que vestem as sepulturas e cobrem os seus mortos, talvez de compreensível intenção, e sobre este pequeno cenário falam com eles espiritualmente no anseio supremo que as suas orações, deste modo, vão mais depressa até Deus, esperando da sua Divina misericórdia as mercês tão desejadas. Há também os entes que desaparecem em circunstâncias bem dolorosas, longe dos seus e por certo, para estes a saudade é mais pungente e mais funda a dor e talvez por isso do alto dos campanários os sinos, nos seus toques plangentes, convidam à oração colectiva! As luzes acendem-se nos sacrários caseiros e as

CARLOS PRATA fala-nos do Mundial de Voleibol em termos que situam esta modalidade no nosso país umas décadas atrasada. P. — Sabendo que estiveste no Mundial de 78, gostaria que nos desses algumas ideias sobre este acontecimento. Entrevista de J. QUINTA R. — A primeira ideia que resalta é que o Voleibol jogado por equipas de alto nível, parece extremamente simples e fácil, tal é a capacidade técnico-táctica dos jogadores e equipas e a sua adaptação às diversas situações de jogo. Dum modo geral e no que se refere às primeiras 6 equipas da classificação geral (U. R. S. S., Itália, Cuba, Coreia...) podemos dizer que o seu nível é extremamente elevado, o que se compeenderá se pensarmos que se preparam com um mínimo de 4 a 6 meses e mais. No entanto houve uma descida acentuada em relação às restantes e principalmente a Polónia e Japão. Na Polónia pela mudança de jogadores e inclusão dos ex-juniões do Europeu - 77 a que tive ocasião de assistir. No Japão, jogadores já com idade avançada (30 e tal anos) e que não podem ter já a capacidade física necessária a uma alta competição. A salientar o Brasil 6.º lugar, o que prova que tendo condições de trabalho e dedicando-se a sério com os outros, os latinos também lá vão. Ou como dizia Platanov-coach soviético — a competição da Escola Latino-Americana, viu-se neste Mundial. Os latinos também lá vão. Ou como dizia Platanov-coach soviético — a competição da Escola Latino-Americana, viu-se neste Mundial. P. — Dum modo geral o que te impressionou mais?

R. — A excelente preparação física das equipas de topo, é que é um factor «base» sem o qual não é possível o resto. E neste aspecto o poderoso salto dos Cubanos (de mais baixa estatura) e Soviéticos (Saviu - 2,00 m, entretinha-se no aquecimento a tocar com uma e outra mão na vareta lateral que está só a 3,23 m.). Impressionante a agilidade da equipe Soviética e dos seus jogadores de 2,00 m, só possível com um cuidadoso trabalho de anos. Ainda dos soviéticos, o seu bloco e defesa baixa. Bloco que por vezes é apenas intransponível, tal a sua altura, colocação e noção

táctica dos seus bloqueadores. Defesa que até nem era muito espectacular, mas que com 3 jogadores e o bloco cobria o campo todo, e estava onde devia. Nada de grande espectáculo — Eficiência e simplicidade. A equipe mais bem preparada psicologicamente — frios, mas de uma frieza que sem muito que se lhe diga. P. — De tudo isto que lições tiraste? R. — Em 1.º que não se chega a este nível improvisando, ou convocando selecções 5-6 meses antes duma competição internacional e

treinando 1 vez por semana. É o caso português e que é necessário rectificar. Aspecto essencial é a investigação e apoio científico que uma alta competição implica e isto desde idades jovens. É por exemplo um exame bio-histológico destinado a averiguar as possibilidades futuras do indivíduo em relação à altura. É na alimentação adequada e vigiada em função da intensidade das cargas de treino e do comportamento do atleta... etc.... É na programação não em cima do joelho, mas a médio ou longo prazo, 4 a 8 anos, e que acompanha (Continua na pág. 2)

VISOR

O complexo escolar e o salão paroquial junto à Igreja Matriz apresentam já a forma que a foto aérea apresenta.

(Continua na pág. 2)

Entrevistando

(Continuação da página 1)

nha o atleta com testes de capacidade física e exames médicos ao longo da sua carreira.

O que os nossos clubes e federações não fazem.

Exemplo prático é o nosso S. C. Espinho no Voleibol. Foi Campeão Nacional em Feminino com uma excelente equipe, e depois..... morreu. Idem e Masculinos e agora tem a equipa que tem — e não vai ser o caso de ter actualmente um dos melhores treinadores Nacionais, Prof. Fernando Luis que irá fazer «milagres», pois um treinador sem jogadores... chapéu!

Tudo fruto e consequência da tal falta de programação e organização. E continua, e continuará, apesar das aparências, enquanto não se puser em causa o empirismo se procurar a coordenação das diferentes categorias em função dos objectivos a atingir pelo clube, se tentar uma avaliação permanente do atleta ao longo da sua evolução, e isto com anseios objectivos (medidas e testes) e subjectivos (apreciação do seu comportamento)..... etc.....

DIA DE FINADOS

(Continuação da pág. 1)

flores pensam o ambiente substituindo o turbido que o espalha sobre os altares! Há pois mais recolhimento na penumbra destas pequeninas aras! E assim será eternamente.

Mas as dores do mundo cada vez são maiores e não têm servido de exemplo as ambições desmedidas de muitos homens. Eis porque se geram tragédias que mergulham a Humanidade em sofrimentos que parecem não mais ter fim! Cada vez há mais espuluras, mais lágrimas e menos esperanças de «Paz» apesar de ser tão prometida por todos!...

P. — Por último gostaria que me disseses o que tenças a fazer com o que aprendeste?

R. — Tenciono transmitir os meus conhecimentos na A. A. Espinho, e principalmente na equipa com que fica, embora vá começar tarde. E isto desde há três anos, pois no princípio da época tenho estado sempre em cursos no Estrangeiro (Espanha, França, Itália) o que me tem favorecido e prejudicado.

Convidado pela A. Voleibol do Porto, irei realizar juntamente com o Prof. Fernando Luis, um colóquio sobre o Mundial. E como aplicação de conhecimentos, tive já dois convites que muito me honram, um do Esmoriz, outro do Vianense (Viana do Castelo) para realizar na reunião de trabalho e reciclagem com os seus técnicos de todas as categorias. Devo dizer que fiquei extremamente sensibilizado. É para mim o reconhecimento dum trabalho de valorização que muito me tem custado, e não só materialmente.

Os sinos tocam, a Igreja, na sua missão específica e eterna, não esquece este dia do seu calendário litúrgico, levando a efeito cerimónias revestidas de orações e de intenções piedosas, que envolvemos altares e as almas num misticismo de fé e de devoção. E nas romagens aos campos sagrados, em ambiente de jardins floridos, salpicados de cruxifixos do Pendentor, as luzes provocam aléluias de esbatidos clarões, que não deixam a noite escurecer! As preces andam no ar e o orvalho que refresca as flores parece sagra-las para que feneçam tão depressa! É o dia grande dos mortos, o dia infinitamente belo em saudades! Os mortos ficarão contentes?!!!

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

Notária: Maria Fernanda de Vasconcellos de Aguiar da Fonseca e Castro.

«VALDEMAR DA ROCHA & COMPANHIA, LIMITADA»

Certifico que por escritura de 4 de Setembro de 1978, lavrada de folhas cento trinta e oito verso a cento quarenta verso do livro de notas para escrituras diversas A-55, deste cartório; Valdemar da Rocha Gomes Pereira, Celestino Ribeiro da Costa e Manuel José Couto, constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma de «VALDEMAR DA ROCHA & COMPANHIA, LIMITADA», tem a sua sede e estabelecimento na Rua vinte e três, número trezentos e trinta e dois, desta cidade, freguesia e concelho de Espinho, e durará por tempo indeterminado, a contar desta data.

Parágrafo único — A sociedade pode transferir a sede e estabelecimento quando e para onde sejam convenientes aos fins sociais.

Segundo — O seu objecto é o comércio de materiais de construção, podendo vir a exercer qualquer outra actividade comercial ou industrial em que os sócios acordem e a lei permita.

Terceiro — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de um milhão e duzentos mil escudos, e corresponde à soma de três quotas iguais de quatrocentos mil escudos cada uma pertencentes uma a cada um dos sócios.

Quarto — Mediante deliberação e cumpridas as necessárias formalidades, poderá a sociedade estabelecer em qualquer ponto do país ou mesmo em países estrangeiros, sucursais, delegações, filiais, agências ou representações.

Quinto — Todos os sócios são desde já nomeados gerentes, com dispensa de caução, e com ou sem remuneração, conforme o que for deliberado, sendo necessárias as assinaturas de dois gerentes para que a sociedade se considere obrigada e validamente representada em todos os seus actos, contratos e documentos.

Parágrafo primeiro — Exceptuam-se os documentos de mero expediente e a representação em juízo, em que bastará a intervenção de um dos gerentes.

Parágrafo segundo — Os gerentes não poderão obrigar a sociedade em fianças, abonações, letras de favor e outros actos estranhos ao objecto da sociedade, os quais, uma vez praticados, de nenhum modo obrigarão a sociedade, mas apenas quem os praticou.

Sétimo — É admitida a amortização de quotas pela sociedade, entre outros, nos seguintes casos: a) — Se o sócio titular de uma quota foi interdito, julgado insolvente ou declarado falido ou insolvente, salvo se o cônjuge ou filho pretenderem substituir-se ao sócio;

b) — Se a quota for penhorada, arrestada ou, por qualquer forma, sujeita a arrematação judicial, quando o respectivo sócio não tenha obtido provimento na oposição que tenha deduzido.

Parágrafo único — O preço da amortização é o que resultar do balanço aprovado, corrigido, com os lucros ou prejuízos do exercício em curso, verificados até à data da amortização.

Oitavo — Por morte, interdição ou inabilitação de qualquer dos sócios, os herdeiros ou representantes deverão escolher de entre si um que a todos represente na sociedade, enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

Parágrafo único — A indicação do herdeiro ou representante, a que se refere o corpo deste artigo,

deverá ser comunicado à sociedade no prazo de trinta dias, contados a partir da morte ou do trânsito em julgado da sentença que decretar a incapacidade ou inabilidade do sócio, sob pena de todos os actos serem validamente praticados pelos restantes sócios.

Nono — As assembleias gerais, quando a lei não prescreva outras formalidades serão convocadas por carta registada dirigida a cada sócio ou por protocolo assinado pelo sócio convocado.

Décimo — Dissolve a sociedade por acordo dos sócios e nos demais casos legais todos os sócios serão liquidatários, e à liquidação e partilha procederão como então entenderem. Na falta de acordo,

será o activo social licitado em globo, com a obrigação do pagamento do passivo, adjudicado ao sócio que melhor preço oferecer, em igualmente de circunstâncias.

Décimo primeiro — No omissão observar-se-ão as disposições legais aplicáveis e as deliberações dos sócios devidamente tomadas.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.

Espinho e cartório notarial, 6 de Setembro de 1978.

A Ajudante do Cartório

Berta da Silva Lopes Dias de Carvalho

PODE SER ÚTIL

espectáculos

CINE TEATRO S. PEDRO

Dia 27, Sexta-feira, às 21,30 horas — OHI SERAFINA — com Renato Pozzeto, Dalila Di Lazzaro e Angelica Hippolito. — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Dia 28, Sábado, às 15,30 e 21,30 horas — AS DESCARADAS — com Marie Helene Regne, Nathalie Zeiger, Odette Berruyer e o mais que se verá. — Interdito a menores de 18 anos.

Dia 29, Domingo, às 15,30 e 21,30 horas — UM LONGO FIM

DE SEMANA — com Alfredo Landa, Paco Algora, Victoria Abril e Mabel Escano. — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Dia 31, Terça-feira, às 21,30 — OBSESSÃO — com Cliff Robertson, Genevieve Bujold e John Lithgow. — Interdito a menores de 13 anos.

Dia 1, Quarta-feira (Feriado), às 15,30 e 21,30 horas — AMOR E JUSTIÇA — com Manoj Kumar e Homa Malini. — Não aconselhável a menores de 18 anos.

marés

DIA	P.-MAR	ALT.	B.-MAR	ALT.
29	14.09	3m,19	20.16	0m,77
30	14.46	3m,33	20.51	0m,63
31	15.23	3m,43	21.27	0m,53
1	16.01	3m,48	22.04	0m,49
2	16.40	3m,48	22.43	0m,52
3	17.22	3m,41	23.25	0m,61
4	18.08	2m,27		

farmácias

TURNO — A

Sexta-feira — Grande Farmácia — rua 62 n.º 457 — Telef. 920092

Sábado — Farmácia Teixeira — rua 19 n.º 46 — Telef. 920362

Domingo — Farmácia Santos — rua 19 n.º 63 — Telef. 920331

Segunda-feira — Farmácia Paiva — rua 19 n.º 319 — Telef. 920250

Terça-feira — Farmácia Higienos — rua 19 n.º 393 — Telef. 920320

Quarta-feira — Grande Farmácia — rua 62 n.º 457 — Telef. 920092

Quinta-feira — Farmácia Teixeira — rua 19 n.º 46 — Telef. 920362

Fábrica de Artigos de Celuloide e Plásticos

LUSO-CELULOIDE

DE

HENRIQUES & IRMÃO, L. DA

APARTADO 22 — TELEFONE, 922193
ESPINHO

MANUEL PEREIRA FONTES

— FÁBRICA DE TAPEÇARIAS —

Importação

Exportação

Tapetes e Carpetes manuais — Passadeiras, tapetes, carpetes e alcatifas mecânicas «Wilton» e «Axminster» com desenho «REALCE»

Telex 22255 — Fontes - P

Telefs.: 921316/7/8

SILVALDE — ESPINHO

LEIA E ASSINE «DE»



Lino Pais dos Santos

3.º Aniversário do seu falecimento

Por tão triste data sua esposa, netos, e demais família participam que no próximo domingo dia 29 do corrente pelas 11 horas, será celebrada missa pelo seu eterno descanso na Igreja de Espinho.

Agradecendo desde já a todas as pessoas das suas relações e amizade bem como às do saudoso extinto que se dignarem assistir a este piedoso acto.

UMA CIDADE LIMPA, REFLECTE O INDICE DE CIVISMO DOS CIDADÃOS!



SEMANARIO

FUNDADOR:

BENJAMIM COSTA DIAS

PROPRIEDADE: EMPES — EMPRESA DE PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA

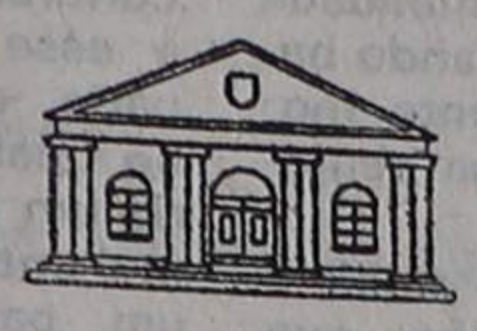
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA 19, N.º 62 — TELEFONE, 921523

Comp./impresso na Coopertipo, scarl/R. José Falcão, 122 / Porto

Redactores: F. Azevedo Brandão e João Quinta.
TIRAGEM MÉDIA 2 200 EXEMPLARES



A CIDADE



Sessão da Câmara

Realizou-se no passado sábado a habitual Sessão da Câmara, que teve a presença de todos os vereadores. Para além de vários assuntos correntes de administração e de apreciar os processos de obras, a Câmara tomou conhecimento e deliberou:

- Dum ofício do Conselho de Inspeção de Jogos solicitando informações acerca do processo da Piscina coberta e climatizada a construir pela Solverde. A Câmara informou que se aguardam decisões da Junta Autónoma de Estradas acerca da Variante à E. N. 109 e que o abastecimento de água será feito pela rede de abastecimento de água à Cidade;
- Duma comunicação da Junta Nacional dos Produtos Pecuários informando que está previsto o encerramento do Matadouro de Espinho e a concentração de abates no Matadouro de Gaia.

A Câmara deliberou manifestar a sua estranheza pela decisão daquela Junta e sua não concordância com o encerramento do Matadouro.

ASPA ASSOCIAÇÃO PARA A DEFESA, ESTUDO E DIVULGAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL

CIRCULAR
Desejando esta Associação promover no próximo ano um Encontro Nacional de Associações de Defesa e Valorização do Património, solicita a V. Exa. se digno mandar indicar-nos quais as Associações preocupadas com aqueles objectivos existentes nesse Distrito, bem como os seus endereços, a fim de que, com maior brevidade, possamos estabelecer os contactos necessários para a reanulação daquele encontro.

Antecipadamente gratos pela atenção que este pedido merece, aproveitamos a oportunidade para apresentar a V. Exa. os nossos melhores cumprimentos.

O Presidente do Conselho Directivo,
(Arq.º Roberto Sérgio de Oliveira Leão)

O CLAUDIO ALEXANDRE AGUARDA A CONSULTA

Convalescente de pequena enfermidade o pequenito Cláudio deve regressar do Hospital Maria Pia a casa, aguardando-se a sua total recuperação para fazer a viagem à Clínica de Barcelona.

Entretanto recebemos dos funcionários da Secretaria e da Secção de Obras mais 1.640\$00, o que prefaz 109.020\$00.

VILA OU CIDADE?

Um pequeno reparo, que só se faz por o assunto em causa ainda não ter merecido, desde há cinco anos, a atenção dos responsáveis. Trata-se de, no Monumento aos Mortos da Grande Guerra, no largo fronteiro à Igreja Matriz, ainda existirem escrito. Vila de Espinho!... Picuíces...

Escola Preparatória de Espinho

Conforme foi publicado na Imprensa diária, o concurso para o preenchimento de vagas nesta Escola termina no dia 27. As vagas são:
— 2.º grupo — 1 horário de 17 horas.
— 5.º grupo — 1 horário de 15 horas.
— Trabalhos manuais masculinos — 1 horário de 12 horas.
— Trabalhos manuais femininos — 1 horário de 12 horas.
— Educação Musical — 1 horário de 7 horas.

CAMPO DE AVIAÇÃO DE PARAMOS

Na última semana realizou-se na Câmara Municipal uma reunião para debater a segurança do Aeródromo de Espinho.

Estiveram presentes além do representante da Direcção Geral de Aeronáutica Civil, o Presidente da Câmara, Comandante do Regimento de Engenharia, representante da Região Militar, Junta de Freguesia de Paramos, Direcção do Aero Clube e vereador do Turismo.

ESCOLA SECUNDÁRIA DO DR. MANUEL LARANJEIRA

Liceu Nacional de Espinho até ao dia 27 do corrente mês encontra-se aberto concurso para os seguintes grupos:
— 2.º grupo — 2 vagas; 4.º A grupo — 2 vagas, sendo uma (1) até 2 de Dezembro; 4.º B grupo — 1 horário incompleto; 8.º grupo — 1 horário incompleto.
Os candidatos devem indicar qual a situação perante o despacho n.º 51/78.

III jogos florais de Ermesinde

O departamento de Convívio e Cultura dos Bombeiros Voluntários de Ermesinde promove os seus III Jogos Florais a que podem concorrer todas as pessoas, com trabalhos inéditos, em língua portuguesa nas modalidades de Conto, poesia lírica, soneto e quadra popular, e, obrigatoriamente, subordinados ao tema «O NATAL». No entanto o Bombeiro Voluntário é admitido na quadra popular.
O regulamento está patente aos interessados na nossa redacção.

Liga dos Combatentes CONVOCATÓRIA

Convidamos os Senhores Associados a participar nas cerimónias de HOMENAGEM AOS MILITARES MORTOS, no dia - de Novembro de 1978, realizada por este núcleo.
As 11 horas:
Missa na Igreja de Espinho em sufrágio dos Combatentes falecidos, seguindo-se romagem ao Cemitério onde serão prestadas HONRAS MILITARES AOS MORTOS.
A Comissão Directiva

médicos

Dr. Jaime Magalhães
Médico Especialista
Ouidos, Nariz e Garganta
Consultas c/ hora marcada às 4.ªs e 6.ªs feiras a partir das 1 horas.
Rua 19 n.º 364 — 1.º — Esq
Telefone 921218

DR. CARLOS PEREIRA
DOENÇAS DOS OLHOS
Médico especialista do Serviço de Oftalmologia do H. G. de St.º António
Consultas:
Rua Gonçalo Cristóvão, 128-1.º-D. PORTO
Telef. 380458
às 3.ª, 4.ª e 5.ª feiras
Rua 19 n.º 364-1.º-E. ESPINHO
Telef. 921218
às 2.ª e 6.ª feiras

LUSOTUFO
Tapetes — Carpetes — Alcatifas
Telefone, 72005
CORTEGAÇA

BRITISH LEYLAND
COSTA LEITE & C.ª, L.ª DA
CONCESSIONÁRIOS DA BRITISH LEYLAND NOS CONCELHOS DE ESPINHO E OVAR SERVIÇO OFICIAL AUSTIN E TRIUMPH
Pneus Goodyear * Baterias Tudor * Oleos Castrol
MOTORIZADAS CASAL
RUA 14 N.ºs 623 E 881 — TEL. 921104 — ESPINHO

Policlínica em ESPINHO
Rua 14 n.º 437
(Junto às camionetas Porto — Espinho)
ESPECIALIDADES
ORTOPEDIA — Dr. José Carlos Leitão
PEDIATRIA — Dr. Evans Carvalho
CARDIOLOGIA — Dr. Ricardo Romeira
Abertura ao público a 16/10/78
Em breve com novas especialidades e serviço Médico de chamada urgente e fins de semana.

O caso da Caixa Geral de Depósitos

Não adianta, como se comprova, usar luvas de pelica para tratar com entidades ou indivíduos a quem não faz muita mosca uns escritos nos provincianos jornais, pois gravitam em órbitas de importância inatingíveis.

É o caso do Dr. Jacinto Nunes, Presidente de Administração da Caixa Geral dos Depósitos e do seu subordinado José Ferreira de Oliveira, Chefe do Património da mesma instituição de crédito.

Passando os dias que contam para os fins de mês nos gabinetes lisboetas os referidos indivíduos responsáveis directos contactados oficialmente várias vezes pela autarquia local sobre a inacreditável situação dos 12 (doze) fogos construídos na Rua 16, devolutos desde que entregues pelo Fundo do Fomento da Habitação há cerca de um ano, tanto o sr. Oliveira Valente, de facto o responsável directo, como o sr. Jacinto Nunes, o responsável hierárquico, não dão a mais válida razão para justificar a actual atitude. Numa fase da vida nacional em que são milhares os portugueses que habitam em condições infra-humanas, manter 12 fogos novos, desocupados há UM ANO é monstruosidade impossível de permitir por mais tempo. A não ser que as justificações até agora dadas à Câmara, e que se podem verificar no processo, sejam brincadeiras de mau gosto.
J. O.

NECROLOGIA

HERMINIA CLARA
Em Silvalde faleceu, no dia 21, Herminia Clara, de 73 anos, casada com José Ramos.

MARIA DA PURIFICAÇÃO ALMEIDA
Em Anta, faleceu no dia 25, Maria da Purificação Almeida, de 76 anos, casada com António Rodrigues Católico.

HUMBERTO GAVETO DA ROCHA
Na Composta — Anta, faleceu no dia 25, Humberto Gaveto da Rocha.

CADA QUAL COM A SUA OPINIÃO

As opiniões, alvitres, críticas, etc., sentidas nesta secção, são de inteira responsabilidade de quem as subscrive e não são, necessariamente, coincidentes com as do Jornal. «DE» Reserva o direito de reduzir os originais enviados por falta de espaço sem todavia desvirtuar o essencial e respeitando a ideia do seu conteúdo.

A consideração dos habitantes do concelho de Espinho, da Assembleia Municipal e da Câmara Municipal.

Consta que a C. P., por imposições que desconhecemos, vai demolir o pequeno pavilhão da estação de Espinho-Praia, onde são vendidos os bilhetes para a linha do Vale do Vouga e, como não pode ser substituído no local por outras instalações, passará a venda dos referidos bilhetes a ser feita na estação ViaLarga.

A consumar-se tal procedimento, que reputamos do erro crasso, não é possível numerar os prejuízos e perigos, que daí resultam para os utentes daquela linha e que, afinal, de algum modo, vai prejudicar todo o concelho, pois todos os seus habitantes são potencialmente utentes do Caminho de Ferro, apesar de muitos, assim o não entenderem: Uns por se terem esquecido já das dificuldades de transportes nos anos fatídicos de 1939/45 e subsequentes, outros, porque não viveram essa época, época que infelizmente se pode repetir, quando menos o esperamos. Porém, os mais sacrificados com esta medida, são sem dúvida as pessoas que de fora vêm a Espinho, que ficam privadas duma comodidade a que estão habituadas (venda de bilhetes no local de embarque).

Ao que parece, a demolição baseia-se na inestética do pavilhão.

Este pequeno edifício foi construído em 1908, há 70 anos portanto, aquando da abertura ao serviço público da linha de via estreita e se

se examinar atentamente, não é tão inestético como se pretende fazer acreditar. O que ele está, isso sim, é há muito abandonado à sua sorte. Se, for devidamente restaurado no exterior e interior com condizentes painéis de azulejos e tornado funcional, deixará de ser a «barraca» inestética que tanto impressiona, a inestética visão de muito boa gente.

Portanto há que embelezar e não destruir, pois nos parece que se deve sacrificar o parece mal, às comodidades das pessoas.

Se se for a demolir por esse País fora, tudo o que é inestético, muito pouco tempo restaria para se construir o «estético» e temos de convir, que a cidade de Espinho muito teria a perder com isso...

Espera-se que desta vez, não se repita o irreparável erro, quando nos anos 50 a C. P. pretendeu construir um Edifício para passageiros na via-larga com a demolição do existente, Edifício, que se enquadrava na arquitectura da cidade com condições funcionais a satisfazerem plenamente as necessidades dos seus utentes, mas que, «bairrismo» vesgo de certa camada da população não aceitou que se construísse e agora, se fazem críticas, sobre críticas às precárias condições da Estação, quando afinal, a cidade tem o quiz ter.

Em conclusão. A Câmara Municipal, deve exigir da C. P. o embelezamento urgente do pavilhão de forma a torná-lo funcional e agradável à vista

A. O.

Através da Imprensa

JORNAL DA MARINHA GRANDE

IMPRENSA REGIONAL QUE FUTURO?

Por uma questão de princípio carpir as mágoas que são nossas, muito embora reconheçamos que isso às vezes também tem as suas vantagens. Afinal os tempos vão bons para lamentos e o mal maior é daqueles que fazem questão de honra em calar-se. Hoje como ontem, já se vê!

Algumas mágoas existem, contudo, que não nos afectam só a nós, logo não devemos calá-las. Está neste caso a situação da imprensa regional. Ao equacionarmos uma vez mais a problemática da imprensa regional de que fazemos parte, não estamos a advogar qualquer intervenção paternalista dos órgãos do governo, tão do agrado de muitos que não sabem medir a distância que deve existir entre apoio e subserviência. Pesem embora todas as falsas promessas, os projectos e os contra-projectos de

um falso apoio à imprensa regional, continuamos a acreditar na sua força criadora e na contada firme de periódicos regionalistas. Semana após semana, várias centenas de jornalistas anónimos, eivados do nobre ideal de servir a comunidade a que pertencem, vão insuflando balões de oxigénio num doente moribundo, chamado imprensa regional.

O 25 de Abril permitiu abulir a censura, pensando-se então que isso seria o bastante para que um conceito novo de imprensa, mais actuante e mais verdadeiro, tomasse corpo num país em renovação. Colhendo as experiências da estranha e contemplando as nossas aptidões e maneiras de estar no mundo, seria então possível nascer em Portugal uma imprensa livre e responsável, virada sobretudo para os problemas dos Portugueses. Vai já distante o 25 de Abril e hoje já nos damos conta que afinal pouco mudou a imprensa portuguesa, em especial na imprensa regional.

Sem uma coerente e bem definida política de informação, os governantes têm-se preocupado mais em distribuir promessas que em estudar soluções práticas é hoje verdadeiramente decepcionante. Sem estruturas humanas e materiais (salvo muito raras excepções), fazendo jornais por mero espírito de carolice, sem ao menos contar com o necessário apoio legislativo, o jornalista da imprensa regional assemelha-se muito ao menino teimoso que persiste em ser inconveniente, levando tarefa ora de uns, ora de outros, fazendo jornalismo com meios obsoletos e por um incompreensivo espírito de devoção e carolice, todos quantos dão corpo aos jornais que de Norte a Sul do País se editam mais não fazem que colocar-se entre as críticas de uns e as promessas de outros, todos apostados em subalternizar o papel que cabe à imprensa regional.

Os elevadíssimos encargos que quase duplicaram nos três últimos anos não encontram contrapartida nas receitas, já que continuamos a ser dos países europeus com mais baixo índice de leitores de jornais.

Sem meios técnicos, humanos e materiais, a imprensa regional espelha a confrangedora mediocridade em que estamos mergulhados, como povo. A verdadeira descentralização política, administrativa e cultural continua a ser uma utopia e esse seria um projecto participado e eminentemente patriótico no qual a imprensa regional ocuparia um papel fundamental. Hoje como ontem, Portugal continua a ser um país macrocéfalo, governado de e com Lisboa, sendo considerados de segunda todos os restantes recantos que não se situam ali próximo do Terreiro do Paço. De segunda são também as centenas de jornais que se espalham pela Província e aos quais não chegam os cordões da bolsa governamental. Nessas circunstâncias, deveremos reconhecer que temos a imprensa que merecemos, ainda que as aparências possam iludir um observador menos atento. Com efeito, surpreende como se avoluma dia a dia o número de publicações que se editam num país, onde quase tudo é importado. Dentro da mediocridade de pensamento que temos dado sobejas provas, a solução que melhor encontramos para obviar as nossas deficiências é aumentar quantitativamente essa mediocridade, criando em nós mesmos a ilusão de uma esperteza, que em nada nos abona. Na imprensa regional como em muitos outros aspectos da sociedade portuguesa, infelizmente...

Para não perdermos de vez as esperanças de dias melhores, lembremo-nos ao menos das abundantes promessas que sempre nos trazem os períodos eleitorais, que devem, aliás, estar próximos!

ANÚNCIO

(1.ª publicação)

REPARTIÇÃO DE FINANÇAS DO CONCELHO DE ESPINHO

João Marques dos Santos Torres, Juiz-auxiliar do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos do Concelho de Espinho:

Faço saber que no dia 14 de Dezembro próximo, pelas 14 horas e 30, à porta desta Repartição de Finanças, irão à praça, pelo maior lance oferecido os bens abaixo descritos, penhorados ao executado SALVADOR ALVARO BARBOSA DA COSTA, residente na Rua 15 n.º 891 — Espinho, na execução fiscal n.º 310/76 e apensos, que a Fazenda Nacional move por dívidas de Imposto Complementar dos anos de 1974/75 e Imposto de Compensação dos anos de 1976/77, na importância de 71 493\$00 e acrescido de custas e juros de mora:

BENS PENHORADOS

Um prédio de habitação, formado por cave com três divisões e casa de banho, rés do chão com duas divisões, cozinha e quarto de banho e 1.º andar com três quartos de banho, com a área de 80 m². Tem garagem e anexos com área de 25 m² e logradouros com 130 m², situado na Rua 15 n.º 891 — Espinho, inscrito sob o art.º 2939 urbano de freguesia de Espinho, descrito na Conservatória do Registo Predial de Espinho, sob o n.º 376 a fls. 21 do livro B-2.

O valor de base à licitação é de 2 000 000\$00 (dois mil contos)

Ficam por este meio citados os credores incertos e desconhecidos e os sucessores dos credores preferentes para, nos termos da alínea a) do art.º 226.º do Código de Processo de Contribuições e Impostos, no prazo de 10 dias a contar do da arrematação, virem reclamar o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens acima mencionados.

Para constar se passou o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares designados na Lei.

Repartição de Finanças do Concelho de Espinho, 24 de Outubro de 1978.

E eu (a) — João Jorge de Silva Carapeto, escrevão o subscrevi.

O Juiz Auxiliar

(a) — João Marques dos Santos Torres

DULCE DE OLIVEIRA CAMPOS FERREIRA DE CAMPOS

Advogadas

Rua 11 n.º 877 — Telef. 922218

ESPINHO

MÁRMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

DE

VITORINO LOPES DA CRUZ

Telef. 920565 — Monte Lírio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7, N.º 561

ELECTRO VISÃO

Já está em Espinho

Toda a gama de:

Electrodomésticos, Discoteca, Candeeiros

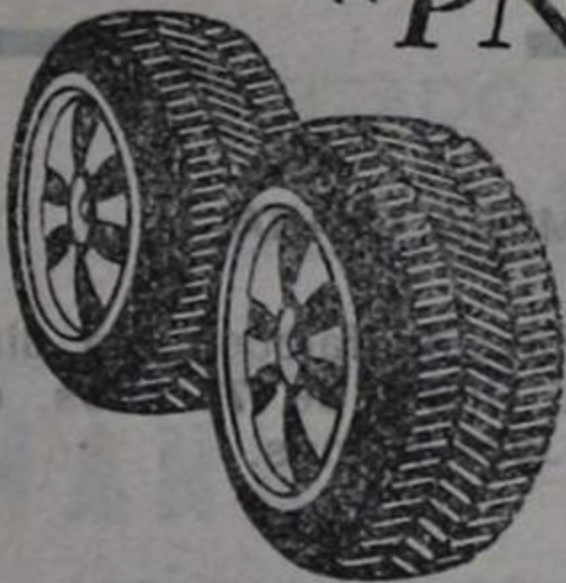
Visite a Electro-Visão

Centro Comercial Praia-Golfe — ESPINHO tel. 922 643

(Aberto todos os dias até às 24 horas)

O seu televisor usado, mesmo avariado vale, 2.800\$00 (CONSULTE-NOS)

"PNEUS CAR" Telef. 923266



CENTRO DE VENDA DE PNEUS NACIONAIS E ESTRANGEIROS ASSISTÊNCIA TÉCNICA

— Alinhamento de Direcções

— Equilíbrio de Rodas

— Vulcanização de Câmaras

Rua 18 n.º 1010 — ESPINHO

Casa Romeu

Rua 19, n.º 299

Telef. 921433

Oculista Vitó

Rua 19, n.º 242

Telef. 921433

Duas casas onde o bom gosto impera

ÓPTICA ESPECIALIZADA ★ NOVIDADES ★ BOUTIQUE

CASINO DE ESPINHO



jantares concerto

slot machines

cine teatro

★ MUSICA DE BAILE

Pelos afamados Conjuntos

HABITAT

THE FOUR KING'S

SAMBA 4

★ VARIEDADES

— BALLET CASINO PRODUCTIONS - Ballet Inglês

— THE ORIENTAL SISTERS - Bailarinas Filipinas

— ALEXANDRA - Cançonista Portuguesa

★ RESTAURANTE - BONTE

ESMERADO SERVIÇO

SEGUIDO DE BAILE E VARIEDADES



ONDE O NORTE SE DIVERTE • Tel - 920238



DESPORTO



VOLEIBOL

em SENIORES MASCULINOS

A TURMA DO SCE, LONGE DA SUA TRADIÇÃO!

Muita expectativa rodeava a apresentação da principal turma dos «Tigres», na passada sexta-feira, no jogo do «Regional» que opôs esta vencidos que muitos foram os que se deslocaram para ver a equipa desta época, agora sob o comando do Prof. Fernando Luís. Mas as pessoas acabaram por saírem desiludidas, não só com o resultado, como também pelos apontamentos que nos ofereceram os jogadores espinhenses. Apesar de terem sido incluídos vários jovens alguns com bom futuro como é o caso de Padrão II, Baptista, Rosas e Luis Resende (Regresso), a equipa não faz esquecer os elementos que ficaram por fora, como é o caso de Cadete (lesionado e sem se saber se voltará a jogar), Rui Azevedo (assinou pelo F. C. do Porto), Salvador e Serrano (este a contas com problemas de doença). Muita falta de experiência e poucos jogadores com possibilidades futuras deixam-nos antever uma época, que embora não seja para ficar nos últimos lugares, também não será para ficar entre os primeiros. Além dos seis elementos, que poderemos considerar titulares, no banco e, entre o lote de jogadores que vimos neste jogo, apenas Rosas está à altura de substituir os seus companheiros. Os restantes serão apenas para preencher o número e sem qualquer possibilidades na modalidade. Apesar de ter poucos treinos, Padrão I revelou-se como o melhor rematador, bem secundado pelo seu irmão. A passar Tomás é o jogador que conhecemos e Luis Resende deverá, neste seu regresso, vir a ajudar muito a equipa. Dos outros elementos, Baptista, Rosas e Pinto, mostraram-se muito nervosos e a acusar muito ao atacar. Mas estes ainda são os primeiros passos do «Regional» e pode muito bem acontecer que este nosso breve parecer venha a ser contrariado. Pelo que vamos continuar atentos e voltaremos breve a falar sobre esta equipa que o Prof. Fernando Luís terá muito que trabalhar.



HOQUEI EM PATINS

«STIKADAS» DO INTERNACIONAL

Para além dos Órgãos de Comunicação Social, que já elogiaram não só o espectáculo desportivo da 2.ª edição deste certame, como também a sua organização, classificada de muito boa, estão a chegar ao clube espinhense, cartas de algumas pessoas (que não são espinhenses), elogiando esta realização e classificando de impecável a sua organização.

— X —

Em reunião efectuada no decorrer do Torneio, na qual estiveram presentes elementos do hóquei espinhense e delegados dos clubes estrangeiros, ficou praticamente assente a deslocação da turma local à Inglaterra e à Holanda. A equipa espinhense irá participar num torneio na Holanda, enquanto na Inglaterra fará uma digressão por várias localidades, onde a modalidade tem aceitação. A primeira viagem deverá já suceder no Carnaval próximo. Entre as condições postas pelo delegado holandês, a turma espinhense, terá de incluir na caravana Víctor Hugo.

— X —

Terminada a 2.ª edição, a Comissão Prometora do certame já trabalha com vista à próxima edição. Para já foram solicitados à Federação Portuguesa da Modalidade os dias 13, 14 e 15 de Abril de 1979 (Semana Santa), para a sua efectivação, segundo se prevê, irão estar presentes 6 clubes, sendo três portugueses, (um do Sul e dois do Norte) e três estrangeiros.

— X —

A ACADEMICA EM FOCO NO TORNEIO DE ABERTURA

A equipa espinhense continua a ter um comportamento saliente no Torneio de Abertura. Apenas com uma derrota (2-5 no 1.º Sagres), os homens de Manuel Liz, continuam a semear vitórias e a estar em foco, na medida em que tem marcado bastantes golos, o que não era normal na turma espinhense. No jogo com o Fânzeres (estes receberam vários reforços do Valongo), depois de estarem a perder por 5-1, recuperaram de forma extraordinária, vindo a vencer por 9-5. A turma Académista parece estar a atravessar um bom momento de forma, como apesar de nem todos os jogadores estarem a jogar o seu melhor, como é o caso de Zé Fernandes e do guarda-redes Ismael. Este, ao contrário de Fidalgo, vem descendo de forma e, parece-nos estar a ganhar defeitos (entre os quais o vedetismo), que poderão vir no futuro a prejudicar a sua carreira de hoquistas.

CARVALHOS, TAMBÉM FOI VENCIDO!

No jogo seguinte, os espinhenses derrotaram no seu recinto a turma dos Carvalhos que, normalmente, nunca saíam vencidos em jogos entre as duas equipas. Segundo informação chegada até nós, a equipa espinhense voltou a realizar uma excelente exibição, tendo sido de 5-2 o resultado final. De salientar a excelente forma e exibição do ex-portista Manuel José, que veio dar nova vida à turma da sua terra. Po sua vez as reservas também venceram a turma dos Carvalhos.

Entretanto na passada 2.ª feira, no Pavilhão local, as espinhenses jogaram com o Valongo, do qual falaremos na próxima semana.



FUTEBOL

ESPINHO, 4 — LEIXÕES, 3

MOIA O «SALVADOR»

Campo da Avenida.

Tempo: bom.

Espectadores: cerca de 5 cinco mil.

Arbitro: José Lourenço (Braga).

ESPINHO: Pinto; Coelho, Peireirinha, Pinto Ribeiro e Mário (Moia); João Carlos, Manuel José (cap.) e Sobral; Belinha (Gonçalves II), Reis e Canavarro.

Ao intervalo: 1-3.

Marcadores: Moia (aos 61, 70 e 90 m), Reis (aos 9 m). Pelo Espinho. N'Habola (aos 21, 22 e 38 m) pelo Leixões.

Cartões amarelos: Mário (aos 37 m), Coelho (aos 74 m) e Pinto Ribeiro (aos 81 m) do Espinho. Logo nos minutos iniciais da partida, o Espinho começou a procurar o golo, tendo nesse período desfrutado de várias oportunidades para abrir o activo. E aos 9 minutos surgiria o primeiro golo do desafio, através de Reis, que bem colocado remata fortíssimo não dando hipótese ao guarda-leixonense para qualquer defesa. A partir desse momento o Espinho abrandou a velocidade com que vinha a jogar. Por outro lado, o Leixões, ao sentir o golo do Espinho, lançou-se ao ataque procurando o empate, mas não foi só o empate que alcançou, e sim estar a vencer por 3-1, ao intervalo. Não escandaliza ninguém este resultado, ao fim dos primeiros 45 minutos. Porque se houve responsáveis. Quanto a nós o grande responsável foi o quarteto defensivo espinhense.

No segundo tempo o técnico espinhense, fez alterações no sistema táctico da equipa, e foi feliz na substituição que fez no início da segunda parte, fazendo sair Mário, entrando para o seu lugar Moia. Não tardou a aparecer os frutos das alterações verificadas e da substituição feita. O Espinho passou a actuar mais em aberto, já não mastigando a bola como aconteceu na 1.ª parte. O Leixões teve uma grande quebra física a partir do meio do segundo tempo enquanto no Espinho ainda reinava bastante frescura.

E seria Moia o herói do prémio ao apontar três golos para o Espinho, e possibilitando a este amearhar dois pontos, quando toda gente já pensava o contrário.

O Espinho acabou por ganhar, mas não convencer. Salientaram-se no Espinho, Pinto Ribeiro, J. Carlos e Moia.

Arbitragem bem conduzida.



ANDEBOL DE SETE

S. C. ESPINHO, 25 — BEIRA-MAR, 17

S. C. ESPINHO: Capela: Pinto I, Orlando 3, Canelas 1, Paulo 3, Pinto II 1, Alfredo 8, Madureira 8, Mesquita 1, Fernando, Simões, e Jorge.

Com todo o mérito, mantém o S. C. Espinho a invencibilidade nesta prova. Mercê um conjunto de jogos, em jus a sua real valia foi posta à prova.

Não no caso deste único jogo em que o adversário se apresen-

tou algo inferiorizado, contrastando com a excelente réplica dada há oito dias atrás com o super F. C. Porto no seu reduto, para tal muito contribuiu a excelente exibição da turma visitada que cedo se adiantou no marcador, nunca permitindo ao adversário a almejada aproximação, chegando ao intervalo a vencer por 7 golos de diferença.

No respeitante ao segundo tempo em nada se modificou o cariz da partida, excepto uma ligeira ameaça de aproximação da equipa visitante, não muito por mérito próprio, mais pelas alterações introduzidas no sete inicial da turma da casa, quer fazendo entrar alguns elementos sem a devida rotina acusaram um excessivo nervosismo, não conseguindo render tudo quanto são capazes.

A salientar a melhoria defensiva que se vem acentuando de jogo para jogo, no caminho organizativo também a melhoria é evidente muito contribuindo o cérebro da equipa Orlando, na finalização, assistiu-se a golos de rara beleza e excelente recorte técnico, principalmente por Madureira com um alto sentido do golo e excelente técnica de finalização.



HALTEROFILISMO

A ACADEMICA EM FOCO!

Após vários meses de ausência, em provas, os espinhenses foram, no passado sábado, até ao Pavilhão das Antas onde participaram na 1.ª competição desta época. O seu comportamento até nem foi nada mau, pois, para além de 2 primeiros lugares, o jovem Manuel Firmino estabeleceu 3 recordes regionais no arranque, arremeço e total. As classificações dos Académistas, foram as seguintes:

LEVES

1.º, Mário Queirós — 150 kg.

PESADOS

1.º, Manuel Firmino — 165 kg.

MÉDIOS

4.º, Fonseca Pereira — 170 kg.

Entretanto, a secção está a preparar-se com grande intensidade, com vista às provas que

se realizam no mês de Novembro. Para já nada mau o regresso dos espinhenses às provas prometendo uma época em cheio.

DIRECTOR DA FEDERAÇÃO EM ESPINHO

Com vista à possível candidatura de Espinho a uma importante e prestigiosa competição Europeia, esteve nesta cidade na passada 2.ª-feira, um elemento da Federação Portuguesa de Halterofilismo, que acumula as funções de Secretário do Comité Olímpico Português. A secção desportiva da «DE», atenta, vai procurar dar pormenores brevemente.

Cartaz Desportivo

FUTEBOL

Juniiores
SCE, 5 — Vildemoinhos, 0

Juvenis
Lourosa, 2 — SCE, 2

ANDEBOL

Juniiores
F. C. Porto, 17 — SGE, 9

VOLEIBOL

Campeonatos Masculinos

Seniores

Fiaes — SCE (adiado)
AAE, 3 — V. Andorinho, 2
SCE, 3 — CDUP, 2

Juniiores

Oliveirense — SCE (adiado)

Juvenis

AAE, 3 — Coimbrões, 1

Juvenis

SGE, 3 — Esmoriz (B), 0

Iniciados

SCE, 3 — Madalena, 0

Campeonatos Femininos

Seniores

SCE, 3 — Esmoriz, 0
Paredes, 0 — SCE, 3

Juvenis

SCE, 3 — Esmoriz, 0

PRÓXIMOS JOGOS

HOJE (6.ª-feira)

21,30 — H. Patins — A.A.E. - I. Sangres — reservas — Pavilhão da AAE; 22,30 — H. Patins — A.A.E.-I. Sagres — Honra — Pavilhão da AAE.

VOLEIBOL

CAMPEONATO DA EUROPA DE JÚNIORES

O PAVILHÃO DA AAE, FOI APROVADO PELO COORDENADOR SUÍÇO SMITH.

Esteve no passado domingo, às 20,00 horas, no Pavilhão Arq.to Jerónimo Reis, o principal responsável pelo próximo Campeonato Europeu de Voleibol (Juniiores), que terá como palco, em Portugal, de 5 a 12 de Agosto de 1979. Dada a responsabilidade e envergadura desta competição, o coordenador suíço Smith, deslocou-se de propósito ao nosso País, a fim de visitar os recintos candidatos. Podemos já dizer que o Pavilhão espinhense foi aprovado apesar de ter de executar alguns pormenores indicados por este elemento. Seguiu-se uma reunião, à qual estiveram presentes o Sr. Smith, o Presidente da F. P. Voleibol, A. V. Porto, seccionistas da AAE e um director do clube espinhense.

Entre os pormenores debatidos, ficou-se já a conhecer, que pelo menos 4 jogos da fase final serão realizados em Espinho. Os outros jogos da fase final irão ter como palco o Pavilhão das Antas. Mas dentro de dias, vamos procurar dar mais elementos definitivos sobre esta prova. Para além da AAE outros clubes também se candidataram, inclusive o SCE, mas a FPV., já tinha completado o lote de Pavilhões necessários. Resta-nos acrescentar que este coordenador é membro da Confederação Europeia de Voleibol.

DESPORTO

(Continuação da pág. 5)

VOLEIBOL

16,00 — SGE-Madalena (M) — Pav. do SCE; 17,00 — Carvalhos-SCE — Juvenis (M) — Esc. Carvalhos; 17,00 — SCE-N. Álvares — Juvenis (F) — Pav. do SCE; 18,00 — Esmoriz (B)-AAE — Juvenis (M) — Pav. Esmoriz; 19,00 — Esmoriz-SGE — Iniciados (M) — Pav. Esmoriz; 22,00 — Madalena-SCE — Seniores (M) — Liceu de Gaia; 22,00 — AAE-Cast. Maia — Seniores (M) — Pav. da AAE.

ANDEBOL

21,30 — Vilanovense - SCE — Seniores — Pav. de Gaia.

DOMINGO

10,00 — Voleibol — Madalena-AAE — Iniciados (M) — Campo Madalena; 10,30 — Voleibol — C.D.U.P.-TTE — Seniores (F) — Universitário; 10,30 — Futebol — U. Coimbra-SEC — Juniores — Coimbra; 21,30 — Andebol — S. C. E.-F. C. Gaia — Seniores — Pav. SCE; 15,00 — Futebol — G. Vicente-SCE — Seniores — Gil Vicente.

2.ª-FEIRA (Dia 30)

21,30 — Voleibol — S.C.E.-Leixões — Seniores (M) — Pav. do SCE; 21,30 — H. Patins — A. A. E.-F. C. Porto — Reservas — Pavilhão AAE; 22,30 — H. Patins — A.A.E.-F. C. Porto — Honra — Pavilhão AAE.

4.ª-FEIRA (Dia 1)

VOLEIBOL

11,00 — AAE-Cast. Maia — Seniores (F) — Pav. AAE; 11,00 — SCE-Vigorosa — Juniores (F) — Pav. SCE; 16,00 — AAE-Esmoriz — Iniciados (M) — Pav. AAE; 16,00 — SCE-Fiães — Iniciados (M) — Pav. SCE; 17,00 — AAE-Carvalhos — Juvenis (M) — Pav. AAE; 17,00 — SCE-Fiães — Juvenis (M) — Pav. SCE; 18,00 — SCE-Fiães — Juniores (M) — Pav. SCE.

NOTA: (M) — Categoria Masculina; (F) — Categoria Feminina.

PINTO DE MATOS

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausanne e Edimburgo
Fracturas e Doenças dos Ossos
• Articulações
Rua 19 n.º 364-1.º — Telef. 921218
ESPINHO
Está de férias até ao dia 13 de Setembro.

Agradece ao Divino E-pírito Santo, uma graças recebida.

—/—

Agradece a S. Judas Tadeu graça recebida
F. L. S.

Um olhar sobre antigos acontecimentos

Pela cópia

Já aqui dissemos várias vezes e não enfatia mais vezes dizê-lo, que muitos dos acontecimentos que aqui temos trazido a público, consta dos apontamentos do nosso conterrâneo e saudoso Padre Lima, através dos quais nos tem dado uma perfeita visão quanto aos primórdios do advento da nossa terra, ilustrados com minuciosos pormenores que a sua cultura e o seu bairrismo tão bem souberam transmitir-nos. Evidentemente que não nos descreve uma terra embrulhada em pergaminhos e armas de varões assinalados, como muitas outras que conhecemos — a uma das quais estivemos atrelados durante largos anos — mas sim uma terra que fecundou, como uma planta cujo pólen trazido pelo vento, que começou a gerar, na aridez do terreno, o milagre que só o trabalho e o cansaço são capazes de realizar. Os apontamentos deixados pelo ilustre sacerdote, são pois, a expressão da verdade dos acontecimentos, sem enfeites de historiador, mas sados da simplicidade, primor moral que tanto o adornava!

As novas gerações, que sabemos interessadas e sempre ensiosas por tudo o que se relacione com a nossa terra, dedicamos este trabalho desprezencioso, espécie de «Maravilhosa Aventura» que do nada se tornou em terra progressiva, que foi criando valores positivos que, como autênticos bandeirantes, foram levantando uma cidade que o fascínio do mar ajudou e continuará a sua missão para ser cada vez maior, atenção pois ao nosso historiador: — «Segundo documentos Espinho teve a sua fundação, antes, não muito, de 1937, identificado por uma revolta que se deu contra um administrador em Ovar do Pinhal da Estrumada, que vinha de ser semeado e segundo a tradição nela tomavam parte os pescadores da costa de Espinho, S. Jacinto, Torreira, apresentando-se no centro da Vila, armados de paus, bordéis, etc., fazendo grandes distúrbios. Há quem afirme que a primeira campanha vinda do Furadoiro se chamava «Ala», grupo que saindo das suas casas vieram experimentar a pesca no mar de Espinho. Este nome saiu da freguesia de Espinho — S. Félix da Marinha, e justifica-se por esta quadra: «Dizei-me lá ó da Ala / Se está a dormir que acorde / Quanto mais falar da Ala / Quanto mais a Ala dorme». O Ala, ala arriba, de tanto uso nas campanhas, deve ter relação com isto. «Ala», era portanto a voz a incitar a campanha «Ala» a puxar as suas redes e os barcos e todas as campanhas começam a usar este cantar para o nosso fim; está pois explicada a famosa tradição do Ala, ala arriba!!!

Começaram então a vir mais campanhas, como sejam: «Rei do Mar» foi esta que em 1808, mandou pintar o tecto da Capela da No S. Ajuda (três Anjos) «Saramago», «Cana Verde», «Bexiga», Puxa Força», De Anta», Da Granja», etc. Algumas foram formadas por lavradores, para que os seus filhos se poderem livrar da vida militar — regalia concedida pela Rainha D. Maria I, aos donos ou arrais das campanhas de pesca. Foi abolido em 1810 e mercê disso algumas campanhas acabaram.

O pregão de «Espinho viva» vem da sardinha pescada mais perto do Porto, por lá chegar vivinha, pois Ovar ficava longe. Na cidade do Porto, o pregão era: «Vinha a saltar de Espinho» daqui a tradição. Os primeiros ovenses e ilhavenses que para aqui vieram eram independentes quanto a cumprir os preceitos de nascimento, batizados e mortes, pois estas ce-

rimónias eram realizadas nas suas terras. Findada a época regressavam com os seus barcos e as redes. Daí é que só mais tarde apareceram registos na freguesia de Anta! Quando andei a verificar os registos, no tempo do Padre Paulo José da Foz, da referida freguesia, em 1759, no livro de registos de 1774, encontrei o assento do óbito de Maria de Oliveira, de Ribas de Ovar, e no ano de 1771, o do batismo de um indivíduo nascido na Costa de Espinho. Foram estes os primeiros assentos que se encontraram. Os primeiros paiheiros eram construídos na areia e aqui e ali, ficando fechados quando os pescadores se retiravam. Isto nos tempos da experiência. Contudo, antes, se serviam dos barcos virados para seus abrigos de noite.

Pelo facto de Espinho, ficar deserto de inverno, houve um verzejador que inventou estas quadras: «Os nómadas deixaram-te sozinho / Que aí pairaram em fugas de aprisco / E quando a tua pesca era mesquinha / Barracas levam que o mar põe em risco. / Ai ficavas todo o ano pobre / De edifício, pesca gente e tudo / Se o bramir do mar com fúria noire / Te restava então fero ingente e duro.

Só depois de 1776, algumas famílias começaram a passar o inverno em Espinho, e seguidamente a ficar permanentemente. A pesca da sardinha começou a ser abundante e parte dela ia para adubar os campos, porque os vareiros não a sabiam conservar.

Só um pouco mais tarde aprenderem com um francês, que tinha

montado uma pequena fábrica num palheiro, no Furadoiro, de nome Jean Pierre Mijaulie, natural de Longuedou, França, que atraído pela fama da pesca — não se sabe porque meios — aqui veio parar! Muito mais tarde o povo ainda lhe dava o nome de Fábrica do Palheiro do estrangeiro! Ele conservava a sardinha em dornas e tinhas, em água com sal-moura, mercê do qual se conservava meses, até ser vendida de inverno. Claro que só comprava a que sobrava depois dos comerciantes estarem já munidos para as suas exportações para a província, que se fazia quase em fresco, e assim ganhava bom dinheiro! Foi contudo difícil descobrir o processo por ele usado de conservar a sardinha, pois o francês não o divulga a ninguém, porque disso fazia emético sigilo. Mas um pescador mais arguto começou a espreitá-lo, subindo ao telhado do palheiro da fabriqueta, descobrindo as telhas cautelosamente, e por este meio descobriu o segredo, que generosamente ensinou a todos. Além da moura, entrava no segredo uma batata — espécie de termómetro (que nada tinha a ver com o calor) mas que indicava quando a moura estava boa e por isso em condições de receber a sardinha, pelo seu boiar!!!

Os pescadores, primeiro usavam as redes pequenas para pescar junto à costa, mas depois devido às exigências do mercado, tiveram que as aumentar, igualando-as às que já se usavam noutras costas!

J. TATO

GUETIM

é notícia

«F. D. G. VOLTA AO ATAQUE»

De novo, por volta da 2 horas da madrugada do passado dia 15 do corrente mês, foram lançados panfletos assinados pela pretensa Frente Democrática de Guetim.

De conteúdo precisamente idêntico ao do lançado na madrugada do dia 5, este panfleto vinha acrescido do nome de três pessoas bastante conhecidas e conceituadas nesta localidade, como que pretendendo demonstrar que os mesmos a integrariam e que portanto a dita «Frente» seria aceite e composta até por pessoas gradas desta freguesia. Todavia, duas das pessoas visadas, de imediato afixaram nos locais públicos desta freguesia declarações negando o seu envolvimento na famigerada «Frente» e repudiando a utilização abusiva dos seus nomes, ao mesmo tempo que se propunham, como fim imediato, tentar averiguar quem e com que fins e objectivos lançou o comunicado assinado cobardemente com o nome de pessoas completamente alheias ao mesmo, para depois procederem judicialmente.

Face ao panfleto agora lançado, duas interrogações correm com bastante insistência no seio da população. Seria a auto-proclamada Frente Democrática de Guetim a autora do novo comunicado, anunciando o mesmo com o nome de três pessoas sem quaisquer ligações numa tentativa de se fazer acreditar como real e actuante, perante o descrer sobre a sua existência aquando do lançamento do panfleto do dia 5? Ou seria o «alvo preferencial» (?) do primeiro comunicado que, numa tentativa de vingança e numa posição de franco atirador lançou por sua vez, o mesmo, anunciando com os nomes de três pessoas não muito das suas relações e agrado, numa manobra de diversão e para desviar a atenção sobre as verdades ou inverdades,

declaradas ou ocultas que o mesmo poderia conter? E que não cabe na cabeça de ninguém, minimamente razoável, que sejam lançados dois comunicados idênticos com um intervalo de dez dias. Qual o verdadeiro significado disto tudo? Quem se pretende atingir e com que fins? A quem interessa a confusão e o clima de guerra-fria que se está a gerar? Quais os verdadeiros e reais interesses que se encontram em jogo e que intuídos os movem? Perguntas às quais gostaríamos que fossem dadas respostas para se aquilatar do significado real e correcto de tudo isto.

FORA D'ORAS

Resposta a uma carta

Responder ao conteúdo de certas missivas é descer ao baixo nível dos seus autores..

XX

Quem é o inigmático personagem a quem um douto membro da nossa douta assembleia apelida correntemente de «MOÇO DOS PREGOS» ou «HOMEM DO LIXO»? Observador RRR é muito fraco observador, não é?

XX

Com a aproximação da nova época de chuvas, as paragens dos autocarros contam finalmente com os abrigos devidamente encostados à parede de uma fábrica portinhas, possivelmente já com raízes criadas dado o tempo em que permanecem inalteráveis. Se alguma vez vierem a ser utilizados já não será certamente chapa ou ferro, mas sim unicamente ferrugem.

E deram por isto 18 contos há um ano e...

Observador RRR

diversos

ALUGA-SE

Rés-do-chão independente bem mobilado, tel; 4 quartos casal, 2 q. banho, 2 fogões, etc.
Rua 7, 338 — telef. 921246.

COMPRA-SE

Terreno no Cemitério de Espinho para 2 ou 3 sepulturas.
Resp. à redacção ao n.º 2310.

PRECISA-SE

Cozinheira para antiga Casa de Saúde.

Falar pelo telefone 920085

ESPINHO

PRECISA-SE

MANICURA

Cabeleireiro Helga AHR

Contactar Rua 19 n.º 485-1.º

Sala A — Espinho.

PRECISA-SE

CASA

Com sala, 2 quartos e restantes divisões em Espinho ou arredores.

Trata Rua 19 n.º 198-1.º

Telefone 922617.

PASSA-SE

Carpintaria mecânica completa a funcionar, por motivo de doença.

Telefonar ao n.º 921500

a qualquer hora.

à venda

VENDE-SE

Dyann super de Novembro de 74

Contactar balcão do café

Palácio na Avenida 8 desta cidade.

VENDE-SE

Automóvel Austin 1300

por motivos de retirada para

o estrangeiro. «Emigrante»

Carta à redacção ao n.º 2310-A

Registo Bibliográfico

LEWIN, Gerhard: «Natação». 345 págs. Trad. de Ana Falcão Bastos e Luis Leitão. Col. Desporto. Editorial Estampa. Lisboa, 1978.

Aqui está um manual que vinha fazendo falta aos interessados pela natação. Dando uma panorâmica histórica sobre este desporto, o autor dá-nos úteis indicações sobre a prática da natação, no aspecto educativo e da saúde. Técnicas e métodos de ensino são aqui expostos numa linguagem simples e acessível para qualquer iniciado. Completa o volume ainda alguns capítulos sobre os desportos na água: polo aquático e natação de recreio.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich: «Sobre o Colonialismo». 229 págs. Trad. de Fernanda Barão. Col. Teoria. Editorial Estampa. Lisboa, 1978.

Trata-se de uma colectânea de textos extraídos de vários jornais onde estes dois pensadores colaboravam, tendo por tema central o Colonialismo, sobretudo o praticado pela Inglaterra, naquela época.

Além de nos dar uma perspectiva histórica sobre os domínios ultramarinos ingleses, informa-nos também da política geral dos governos de então que comandavam os destinos na Grã-Bretanha.

FERRAZ, João Ribeiro: «O Que é o Mercado Comum». 190 págs. Col. Estudos e Documentos. Publ. Europa-América. Lisboa, 1978.

Num momento em tanto se fala da entrada de Portugal no Mercado Comum, este livro vem elucidar o

leitor português sobre o que é esta instituição.

O presente trabalho apresenta a história do Mercado Comum, esclarece acerca dos organismos que o constituem e fala de outras associações europeias que lhe estão ligadas.

BONNECARRÈRE, Paul: «Chantage». 232 págs. Trad. de Silva Freitas. Col. Sec. XX. Publicações Euro-America. Lisboa, 1978.

Pode chamar-se a este livro o romance da poluição. Com efeito «Chantage» é a história de um petroleiro gigante comandado por um homem que ameaça espalhar todo o seu carregamento no mar Mediterrâneo. A concretizar-se a ameaça as praias espanhadas de Nápoles a Torremolinos, ficariam destruídas e transformariam um mar vivo num mar morto. Personagens díspares e estranhas perpassam através das páginas deste livro que empolga e desperta.

LOPES-GRAÇA, Fernando: «Reflexões sobre a Música». 264 págs. Col. Obras Completas. Edições Cosmos. Lisboa, 1978.

No prosseguimento da publicação das obras completas deste autor, saiu agora mais um título: Reflexões sobre Música. Publicadas pela primeira vez em 1941 nos Cadernos da Seara Nova, são constituídas por reflexões estéticas e pedagógicas sobre a música, «um pequeno lote de ideias e interrogações que testemunham um modesto esforço para a compreensão e possível resolução de uns quantos problemas que têm afectado e continuam a afectar, a vida e a cultura deste país».

EDITORIAL ESTAMPA. — Publicaram os seguintes livros: «A Angústia e a Ansiedade», de André Le Gall na colecção biblioteca de ciências pedagógicas; «A Ilha do terror», de Jean Ray, e «História da 2.ª Guerra Mundial».

EDIÇÕES TERRA LIVRE — Publicaram: «Portugal - Arquitectura e Sociedade», de Carlos de Almeida e «Como Nasceu a Portuguesa», de Teixeira Leite.

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA: Acabam de publicar os seguintes livros: «A Vida Amorosa de Moll Flanders», de Daniel Defoe; «O Moinho à Beira do Rio», de George Eliot e «Bela de Dia», de Joseph Kessel, todos da colecção livros de bolso.

Para a História de Espinho

(Continuação da página 8)

Câmara Municipal da Villa da Feira. É muito conveniente que este assumpto seja resolvido brevemente para se dar começo aos trabalhos de modo que tudo esteja concluído antes da época dos banhos. Rogo portanto a V. Ex.ª se digne solicitar da Câmara Municipal da Villa da Feira a solução mais rápida possível deste negócio. Deus guarde V. Ex.ª Lisboa, 18 de Outubro de 1873. — Ilmo. e Exmo. Sr. Conde da Graciosa. O Director da Companhia. — Manoel Affonso Espregueira.

O movimento operário e rural em Évora

(Continuação da pág. 8)

vida honrada que só pode conseguir-se com a República» (12).

A propaganda republicana, nestes anos de fim da monarquia, alastrava das sedes do concelho para as localidades e aldeias vizinhas: de Évora saíam cortejos automóveis para Machede, Azuraja e S. Miguel de Machede; na região de Montemor-o-Novo a propaganda dirigia-se para Santiago do Escorial, Cabrela e Vendas Novas. Em Alcáçovas havia organização republicana e para aí se dirigiu grande parte da propaganda feita fora de Évora, nas eleições de Abril de 1918. Na Azuraja a «Voz Pública» diz que o povo «é essencialmente democrático», e de S. Miguel de Machede, que apoia de há dois anos para cá os republicanos (13). As pequenas localidades mais importantes da periferia das sedes dos concelhos têm acesso à propaganda republicana entre 1908 e 1910. Nelas se realizaram comícios, cujo conteúdo de propaganda e agitação vai ser uma das causas do despertar dos trabalhadores rurais. De facto, os comícios republicanos nesses anos começam a ser concorridos por pequenas multidões, e nessas multidões encontram-se trabalhadores rurais. Em Évora os comícios republicanos agrupam já milhares de pessoas: 6 000 num comício de 1908, sobre a questão dos adiantamentos, mais de 4 000 no comício eleitoral de Agosto de 1910 (14).

O impacto desses comícios era grande. O tom demagógico e populista dos tribunos republicanos entusiasmava a assistência. Um operário anarquista de Évora recorda, com emoção, um desses comícios, numa altura em que ainda não tinha «formado» a sua «consciência» e acreditava nas promessas dos republicanos:

«Realizava-se naquele domingo mais um comício de propaganda republicana. Vivía-se uma hora de grande entusiasmo, euforia que contagiava novos e velhos, a mudança também; um familiar colocara na lapela do meu casaco um lacinho verde-escuro, e lá vou eu (...). As afirmações e promessas, que tantas foram que ouvi naquele comício, mais despertavam o que me bailava no pensamento. Saí do velho recinto pensando em melhores dias. Iria deixar de ter para o almoço, como tantas e tantas vezes acontecia, uma bucha com metade duma sardinha e para o jantar meia dúzia de feijões a bailar no fundo da panela? Iria deixar de vestir as roupas que os outros já não queriam? Oh que ingenuidade a minha! O vibrar daquela multidão denunciava bem os anseios dum povo que via na queda da realeza o fim da sua vida de escravo, da sua vida de miséria» (15).

Se era assim nos comícios, o mesmo se passava na imprensa, só com a diferença muito importante que esta chegava apenas a uma minoria de alfabetos num oceano de analfabetismo. Na imprensa traduzia-se a conhecida confusão ideológica do republicanismo, mistura de anticlericalismo, positi-

vismo, anarquismo. A imprensa republicana do distrito não fazia excepção.

A fase em detalhe do conteúdo ideológico desta propaganda será feita mais à frente, mas há que salientar que ele teve um papel importante não só no despertar para a luta dos trabalhadores rurais como, a nível mais geral, no surto grevista de 1910-11.

A IMPLANTAÇÃO DA REPÚBLICA E A RUPTURA DA REPÚBLICA COM O MOVIMENTO OPERÁRIO

A revolução de 5 de Outubro de 1910 veio acabar com a ligação dos sectores mais activos da classe operária de Évora e das outras localidades do distrito com o movimento republicano. Como não podia deixar de ser, o grupo de operários e rurais que se tinha associado aos dirigentes locais republicanos desmantelou-se em pouco tempo. Durante o ano de 1911 o divórcio entre os sectores operários de Évora e o movimento republicano acelera-se e pode considerar-se consumado quando da greve dos trabalhadores rurais de Janeiro de 1912. Foi, aliás, a nível local, o mesmo que se tinha passado a nível nacional. O «safanão do 5 de Outubro» tinha despertado novas forças (16).

José Pacheco Pereira

(1) Utilizamos como base o livro de Vasco Pulido Valente, *O Poder e o Povo: A Revolução de 1910*, em Lisboa, 1976.

(2) Sobre a base social do P.R.P. veja-se V. P. Valente, obra citada, p. 57-76, p. 88-9; V. P. Valente, «A revolta dos abastecimentos: Lisboa, Maio de 1917», *Economia*, Vol. I, n.º 2, Maio 1977, p. 200-7.

(3) V. P. Valente, obra citada, todo o capítulo IV.

(4) A. H. de Oliveira Marques, *História de Portugal*, Lisboa 1973, II volume, p. 113.

(5) A. H. Oliveira Marques, obra citada, II vol., p. 115.

(6) *Voz Pública*, (V. P.), n.º 148, 14-3-1903.

(7) V. P. 1908-1910.

(8) V. P. V., obra citada, passim.

(9) M. V. dal, (Telégrafos em Évora e sua acção republicana até 5 de Outubro, *O Carbonário*, n.º 16, 19-3-1911; 18, 26-3-1911; 19, 2-4-1911; 20, 9-4-1911.

(10) V. P., 220, 31-8-1909.

(11) V. P., 263, 6-1-1910.

(12) V. P., 525, 11-8-1911.

(13) V. P., 168, 1-8-1908; V. P., 327, 18-8-1910.

(14) A. tur Modesto, «Recordando a minha juventude», *A Ideia* n.º 6, Dez. 1976.

(15) *O Sindicalista* (S.), n.º 34, 2-7-1911.

A SEGUIR: Dois casos exemplares.

Fiéis defuntos

Antigamente, todo este dia dobravam sinos, em elegia, em grande choro, que comovia.

Hoje, bem fundo dentro da gente, dobram os sinos de antigamente pelos que foram pra todo o sempre.

Em viuvez e em orfandade, buscam-se as almas em saudade, no seio da Eternidade...

Fiéis-Defuntos, dia do Além!
Dia das flores chorando Alguém!
Dia das almas que Deus lá tem!...

MARIA AUGUSTA NOGUEIRA

ENCONTRO

N.º 30

Outubro/78

Suplemento de Divulgação Cultural
da «Defesa de Espinho»

Direcção de F. AZEVEDO BRANDÃO

Para a História
de Espinho

Para uma monografia sobre a estação ferroviária

DÉCIMO QUARTO DOCUMENTO

Em 20 de Outubro de 1873.

Carta e Offício ao Director da Companhia ao Conde da Graciosa)

Exmo. Sr.

Remeto hoje a V. Ex.^a a planta e condições para o accordo definitivo com a Câmara Municipal da Villa da Feira. Afastei o caos de mercadorias o mais possível para o norte para deste modo deixar o mais possível desembaraçada a frente da Assembleia. Creio que agora ficarão todos satisfeitos. É muito urgente a solução deste negócio para que tudo esteja concluído antes de Julho como eu muito desejo e por isso rogo a V. Ex.^a o obséquio de transmitir ao nosso amigo Sr. Leal o meu officio que eu peço seja tomado como se fosse dirigido a ambos e como continuação do que ahí entreguei a V. Ex.^a. Desculpe-me V. Ex.^a de ser tão lacónico, mas falta-me o tempo. Desejo que V. Ex.^a e a Exma. Sr.^a Condessa estejam em perfeita saúde e sou com a maior estima de V. Ex.^a creado attento e venerador e muito obrigado.

Lisboa, 20 de Outubro de 1873 — Manuel Affonso Espregueira.

Ilmo. e Exmo. Sr.

Tenho a honra de enviar a V. Ex.^a a planta para a construção da estação d'Espinho, com as modificações que ultimamente se combinaram, e igualmente uma cópia das bases para o accordo definitivo com a

(Continua na pág. 7)

Cartas de Manuel Laranjeira
a
Manuel Luiz de Almeida

DÉCIMA TERCEIRA CARTA

Meu amigo:

O seu silêncio apavora-me. Na verdade o seu silêncio, para mim duma eloquência formidável, deve significar um mau estado da saúde sua. Mas porque não abandona você essa serra? Porque não volta você para casa, para o conforto dos seus?

Sua mãe aí creio que não poderá prodigalizar-lhe os extremos de afecto e de cuidados — como em Sto. António dos Olivais. Eu, meu amigo, num estado de espírito imutável, doloroso, brotereano (?). Nunca os homens me pareceram tão mesquinhose. Vou-me afastando da Humanidade para a sobre humanidade: creio que estou perdendo, posto que Dietriche ali do lado me diga que estou ganhando.

Que me sinto mais forte, mais livre, mais desligado das coisas estabelecidas — é certo.

Mas essa energia que eu lucro sob o ponto de vista individual não me fará enfraquecer como membro da colectividade? Não estarei eu desligado definitivamente dos homens de modo que assim como eles já não possa exercer influência sobre eles?

Eis um problema. Se essa ruptura é absoluta — perdi; se não é, lucrei.

Metafísica minha! Perdoei eu estou-me esquecendo que o seu estado não lhe permite servir metafísica, ou filosofia.

Mas para dar-lhe conta de mim eu tinha fatalmente de massá-lo com estas coisas, de tal modo se verificam na vida do meu espírito o meu estado intellectivo e affectivo.

Penso, sentindo e sinto pensando — e tudo isto constitui a minha vida. Quer dizer: vivo sentindo o que penso e pensando o que sinto. Estado ideal este meu para outros tempos que não estes que vão decorrendo para estes tempos de conflito desequilíbrio entre o sentimento e a razão. Antero morreu por atingir um estado destes. Eu não morro... mas...

Abraça-o o sempre affectuoso

Manuel Laranjeira

Espinho, 3 - Setembro - 1900.

O movimento operário e rural de
Évora e a República (1908-1912)

Por JOSÉ PACHECO FERREIRA

A República foi implantada em 5 de Outubro em Lisboa por uma revolta militar secundada por milícias civis e, no resto do País, nos dias seguintes, por telegramas (1). A medida que os telegramas iam chegando, nas terras do interior, hasteava-se a bandeira republicana, reunia-se a officialidade dos regimentos dispersos pela provincia para comunicar a sua adesão, também por telegrama, fazia-se um cortejo de regozijo em que a banda local, meia dúzia de republicanos de antes do 5 de Outubro e o grosso dos aderentes da ocasião davam vivas à República e à Pátria e cantavam «A Portuguesa». Foi mais ou menos assim que tudo se passou fora de Lisboa e este retrato-padrão torna-se de maior exactidão quanto mais nos afastamos dos principais centros urbanos, onde o Partido Republicano Português possuía a sua base social e onde as ideias republicanas tinham correspondência com os interesses e aspirações duma base social concreta.

Comerciantes — 6
Proprietários — 4
Corticeiros — 2
Farmacêuticos — 1
Professor particular — 1
Sapateiro — 1
Ferreiro — 1
Jornaleiro — 1.

Vemos que em 17 novos filiações a esmagadora maioria são elementos da pequena e média burguesia (embora não saibamos que tipo de comerciantes e proprietários são estes, não nos devemos enganar afirmando que não deviam ser grandes proprietários ou comerciantes), e dos elementos referenciados com profissões operárias só os corticeiros o devem ser, sendo o sapateiro e o ferreiro provavelmente artesãos. Significativamente numa região em que a esmagadora maioria da população é constituída por trabalhadores rurais, apenas um elemento (6 por cento nesta amostra) é jornaleiro.

Outros dados nos revelam que a cúpula local do partido, ou seja, os «notáveis» do partido, os homens da propaganda e os líderes locais do partido e da Carbonária, acentuam ainda mais o carácter predominantemente pequeno e médio burguês do P.R.P. de Évora para as eleições municipais de 1908 compreendia, entre efectivos e substitutos:

Comerciantes — 6 (2 dos quais igualmente proprietários)
Escriturários — 4
Industriais — 3
Médico — 1
Farmacêutico — 1
Empregado do comércio — 1
Operário — 1

Em 1910, nas eleições parlamentares de Agosto, em que o número de candidatos é de 4, a lista é composta exclusivamente de profissionais liberais: 2 médicos, 1 professor e 1 advogado (7).

As características particulares da organização republicana em Évora não vinham da composição social do partido que não diferia do resto do País, mas sim de uma mais estreita ligação entre a cúpula do P.R.P. e a base de apoio do partido, organizada principalmente na Carbonária (8). A divisão entre o punhado de intelectuais dirigentes e a «massa de manobra» (9) do partido era pequena e isso se deve com certeza quer ao próprio isolamento dos republicanos no conjunto da região, quer à hegemonia organizacional da Carbonária, que, do topo à base, controlava quase todo o partido em Évora. Eram estas as características da organização republicana local que lhe permitiu ter um elo de ligação com os trabalhadores rurais.

OS OPERÁRIOS REPUBLICANOS
DO PERÍODO DA PROPAGANDA

A ponte de ligação entre os republicanos e os trabalhadores rurais, desde o período imediata-

mente anterior ao 5 de Outubro e nos meses seguintes, era constituída por um punhado de trabalhadores, artesãos, operários e um ou outro trabalhador rural, que se ligavam aos círculos republicanos. Embora não tenhamos dados seguros sobre a forma orgânica que assumia essa ligação, ela devia fazer-se principalmente pela via da Carbonária, que era bastante activa em Évora e que chegado mesmo a intervir na acção revolucionária do 5 de Outubro (10).

Sob a direcção de alguns notáveis republicanos locais como Evaristo Cutileiro, Júlio Patrocínio Martins, Felício Caeiro, Higino Barrão, Santos Cartaxo e outros, na sua maioria médicos, intelectuais e membros da Carbonária, participavam na propaganda e agitação republicana anterior do 5 de Outubro, constituindo uma espécie de núcleo republicano para operários: António Moura, corticeiro; Inocência Vermelho, corticeiro; Joaquim José Candieiro e Fornalha, trabalhadores rurais; Elias Matias, sapateiro; José Sebastião Cebola, rural; José Neto, Gabriel Mendes e pouco mais, sapateiros, corticeiros e trabalhadores da construção civil.

A acção destes homens antes do 5 de Outubro, para além de participarem na propaganda republicana, resumia-se a algumas débeis tentativas de organização associativa do operariado eborense, nenhuma delas dirigida aos rurais. Lançaram em 1910 uma comissão organizadora de uma associação mutualista chamada Vintém Preventivo e promoveram também nessa altura várias reuniões de corticeiros, que era, sem dúvida, o único sector operário eborense que dispunha de alguma organização. No entanto, o jornal republicano «Voz Pública» queixava-se: «A maioria da classe operária eborense não tem ainda uma noção perfeita dos seus interesses», e «a grande maioria dos operários é indiferente e deixa estiar as cooperativas e associações existentes» (11). Apesar de a Imprensa republicana apoiar as lutas operárias e insistentemente apelar à organização associativa, deste esforços deram poucos resultados.

A PROPAGANDA REPUBLICANA

Já o mesmo não se poderá dizer da propaganda republicana propriamente dita, que essa prosperou na região nos dois últimos anos da monarquia. Em Janeiro de 1910, o jornal «Voz Pública» escrevia:

«Em toda a parte onde os nossos correligionários se têm apresentado falando ao povo da causa da República (...), o entusiasmo, os aplausos e a adesão franca e sincera das assembleias, sempre mais numerosas do que seria de esperar em terras de pequena população, tem provado iniludivelmente que até mesmo nos povoados sertanejos existe uma profunda antipatia pelo regime (...) e um grande anseio de vida nova, de

(Continua na pág. 7)

SEMANARIO

PORTE
PAGO

Biblioteca da Câmara Municipal de

Espinho

ESPINHO